

OS ACERVOS DE CARNAVAL DO ARQUIVO PRIVADO ABÍLIO BARRETO¹

Submetido em 20/07/2022
Aceito em 20/07/2022

Marcos Maia²

RESUMO: O artigo analisa os documentos históricos que fazem parte do Arquivo Privado Abílio Barreto e que têm o Carnaval de Belo Horizonte como tema. Abílio Barreto foi um historiador e escritor mineiro que fundou o Museu Histórico Abílio Barreto, instituição da capital mineira que abriga o Arquivo. Percorreremos manuscritos, datiloscritos, recortes de jornais, dois panfletos e um poema. É nossa intenção comentar a formação dos acervos, os usos (e desusos) dos mesmos no tempo, chamando atenção para a importância das fontes analisadas para a historiografia do Carnaval. Pretende-se estimular a preservação e a divulgação do material (cuja maioria nunca foi publicada) para pesquisadores e o público em geral.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval. Acervos. Museu Histórico Abílio Barreto. Belo Horizonte. Manuscritos.

THE CARNIVAL COLLECTIONS OF ABÍLIO BARRETO'S PRIVATE ARCHIVE

ABSTRACT: *The paper analyzes the historical documents that constitute Abílio Barreto's Private Archive whose theme is the Carnival of the city of Belo Horizonte. A historian and writer from the state of Minas Gerais, Barreto founded Abílio Barreto Historical Museum, an institution in the Minas Gerais capital that nowadays houses his Archive. We will range over manuscripts, typescripts, newspaper clippings, two pamphlets, and a poem. It is our goal to comment on the construction of the collection, their uses (and misuses) over time, drawing attention to the relevance of these analyzed sources for Carnival historiography. We aim to encourage this material conservation and diffusion (most of which has never been published) to researchers and the general public.*

KEYWORDS: *Carnival. Collections. Abílio Barreto Historical Museum. Belo Horizonte. Manuscripts.*

¹ Agradecemos ao corpo funcional do Museu Histórico Abílio Barreto: Ana Paula Portugal, Chistiano Quadros e Simone Teodoro e também a Samuel Maia e Victor Louvise.

² Historiador formado pela UFMG e produtor cultural. Atualmente é um dos coordenadores do Coletivo de Sambistas Mestre Conga, coordenador geral (junto com a historiadora Heloisa Starling, do Projeto República-FAFICH/UFMG) do Inventário Participativo para Registro do Samba Como Patrimônio Imaterial de Belo Horizonte e está publicando os manuscritos sobre Carnaval do historiador Abílio Barreto. Foi curador de exposição sobre história do Carnaval e do Samba de Belo Horizonte no Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), curador de três mostras de cinema sobre samba e Carnaval no Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte e produtor do documentário longa Roda, com a velha guarda do samba da capital mineira.

OS ACERVOS DE CARNAVAL DO ARQUIVO PRIVADO ABÍLIO BARRETO

Até inícios do século XXI o Carnaval raramente era pesquisado pelos profissionais que praticam o ofício de historiador, enquanto era comum a pesquisa do tema entre jornalistas, sociólogos e antropólogos que, como se descessem ao rés do chão das ruas das cidades brasileiras, debruçavam-se sobre os rastros e registros das festas carnavalescas do passado presentes nos acervos históricos. Entre esses pesquisadores, podemos destacar um assíduo e pertinaz frequentador de acervos sobre o carnaval e a música brasileira: o jornalista e historiador José Ramos Tinhorão. Seu trabalho tem base documental poucas vezes vista em obras de historiadores do Carnaval brasileiro. Outro historiador e também jornalista, o mineiro Abílio Barreto, pesquisava e registrava na primeira metade do século XX acontecimentos sobre a folia em Belo Horizonte. Mas por décadas os historiadores brasileiros vinculados à academia mantiveram-se silenciosos quanto aos acervos que guardam os registros da barulhenta folia, fazendo pouco eco até o final do século XX. Em seu livro de 2001, *Ecos da Folia*, a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha escrevia:

produziu-se em torno dessa alegria barulhenta uma espécie de silêncio intelectual que poucos têm se esforçado em romper. Os historiadores brasileiros, por exemplo: não deixa de ser impressionante que um tema tantas vezes associado à própria identidade nacional tenha permanecido quase intocado diante da hesitação em toma-lo como um problema histórico relevante, mesmo constituindo já há algum tempo um ponto decisivo na produção internacional na área da chamada história cultural (CLEMENTINA, 2001, p. 15).

Em Belo Horizonte, até a primeira década deste século, o silêncio intelectual a que Clementina se refere era agravado pela poeira acumulada nos acervos sobre o Carnaval da cidade que raramente eram consultados, nem mesmo jornalistas ou sociólogos eram frequentes nas referidas fontes históricas há muito presentes nos museus e arquivos históricos da capital mineira. Como veremos, Abílio Barreto, em Belo Horizonte, foi a exceção que confirmou essa regra do silêncio.

Mas o anseio pela memória do Carnaval da capital mineira se fez presente entre sambistas, produtores culturais e pesquisadores no final do século XX. Em meados da década de 1990 um grupo de sambistas (entre eles o José Luiz Lourenço, o Conga, da velha guarda de Belo Horizonte), carnavalescos e produtores culturais reuniram-se no projeto Faculdade do Samba que tinha entre seus objetivos realizar “entrevistas em vídeo (...) com nomes expressivos do samba belorizontino”³. Mesmo não efetivando a produção dos vídeos, o projeto deu frutos que acabaram influenciando pesquisas e ações fora e dentro da academia. Em 1999 tivemos a monografia “Conga e o Carnaval do inacabado e do aberto, da mudança e da renovação - Belo Horizonte 1946 a 1956”⁴ que utilizou acervos de hemeroteca histórica e a metodologia de história oral.

Em nível de pós-graduação, um dos primeiros trabalhos de relevância historiográfica sobre o tema em Belo Horizonte foi a dissertação de mestrado de Hilário Filho “Glórias, conquistas, perdas e disputas: as muitas máscaras dos carnavais de rua em Belo Horizonte (1899-1936)”⁵. O historiador realizou exaustiva pesquisa em manuscritos, microfilmes, legislação, documentos da Prefeitura de Belo Horizonte, memorialistas, jornais e revistas. Nesse trabalho valeu-se dos acervos que comentaremos aqui: o Arquivo Privado Abílio Barreto, que pertenceu ao historiador que dá nome ao Museu Histórico Abílio Barreto⁶, equipamento da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte e local onde hoje se encontra o Arquivo.

No primeiro semestre de 2013, sete anos depois da defesa da dissertação de Hilário Filho, estive em cartaz no MHAB, com curadoria de Marcos Maia e produção de Victor Louvisi, a exposição “Narrativas do Samba e do Carnaval de Belo Horizonte”⁷, que utilizou o já citado Arquivo Privado de Abílio Barreto e o Acervo Fotográfico do MHAB.

³ JORNAL FACULDADE DO SAMBA. Número zero - julho de 1995. O Projeto Faculdade do Samba pretendia, além de trabalhar com a memória do samba de Belo Horizonte, voltar com os desfiles de escolas de samba na capital mineira, o que veio acontecer alguns anos depois. Entre seus fundadores tivemos José Luiz Lourenço, o Conga, Wilton Batata e Gilson Melo; em 1999, Marcos Maia, a partir de sua pesquisa para a monografia de conclusão do curso de história na UFMG, se incorporou ao projeto.

⁴ MAIA, Marcos. Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, FAFICH-UFMG, em 1999.

⁵ FILHO, Hilários. Dissertação defendida no Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, FAFICH-UFMG, em 2006.

⁶ Durante o artigo utilizaremos a sigla MHAB para Museu Histórico Abílio Barreto.

⁷ <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/o-resurgimento-do-carnaval-de-rua-de-belo-horizonte>

No contexto dos desdobramentos desses trabalhos e projetos, pretendemos analisar a parte do Arquivo Privado Abílio Barreto que contém as seguintes fontes históricas sobre a folia carnavalesca em Belo Horizonte: manuscritos, datiloscritos, discurso, glossário, recortes de jornais e panfletos)⁸. Faremos uma breve análise sobre a formação dos acervos do Arquivo Abílio Barreto, o uso (e desuso) dos mesmos no tempo histórico, a importância desses acervos para a historiografia do Carnaval, objetivando sua preservação e divulgação para pesquisadores e a sociedade em geral.

A FORMAÇÃO MHAB E O SURGIMENTO DO ARQUIVO PRIVADO ABÍLIO BARRETO



Figura 1. Abílio Barreto, Benedito Valadares e JK, na inauguração do Museu Histórico de BH
Foto: Acervo fotográfico do MHAB

O surgimento do MHAB, na época Museu Histórico da Cidade, esteve cercado por uma constelação de nomes conhecidos para a cultura e o patrimônio cultural brasileiro. O processo de fundação do Museu Histórico da Cidade

⁸ Além dos acervos de Abílio Barreto que iremos analisar nesse artigo, o MHAB tem outros acervos que contêm o tema carnaval: Acervo Raul Tassini, Artigos e Periódicos, Acervo Fotográfico e uma peça tridimensional.

aconteceu durante o mandato do então prefeito de Belo Horizonte Juscelino Kubitschek de Oliveira (1940-1945) e teve orientações de Rodrigo Melo Franco de Andrade diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN - entre 1937 e 1967) sob a gestão de Gustavo Capanema Filho que ocupou a pasta de Ministro da Educação e Saúde Pública entre os anos de 1934 a 1945. O Museu Histórico da Cidade foi fundado no mês do Carnaval de 1943, dia 18 de fevereiro. Anteriormente, em 1941, foi criada a Seção de História da cidade pelo prefeito JK, anexa ao Arquivo Municipal que se encontrava sob a coordenação de Abílio Barreto. Entre a criação da Seção de História e a criação do Museu Histórico da Cidade, Barreto realizou duas viagens ao Rio de Janeiro

buscando adquirir conhecimentos técnicos e administrativos que seriam aplicados na consolidação do seu projeto. Dentre as instituições visitadas, o Museu Histórico Nacional foi o que lhe despertou maior atenção, por apresentar proposta similar à do museu nascente (CANDIDO, 2004, p. 143-144).

A fundação do Museu Histórico da Cidade e a sua política de acervo foram inspiradas na criação do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Assim, a criação do Museu Histórico de Belo Horizonte, de alguma maneira, reverberou anseios modernistas já institucionalizados no país durante a década de 1930 e que se relacionavam, nos objetivos e contradições, com o passado colonial e suas heranças. Nesse sentido, o SPHAN

elaborou e institucionalizou um conjunto de práticas que visava elencar um conteúdo simbólico no qual estariam constituídos os fundamentos de um patrimônio nacional. Inventava-se uma tradição que teve no Barroco a origem do processo civilizatório da nação brasileira (ALVES, 2003, p. 32).

Além da arquitetura e esculturas, as manifestações da imaterialidade popular já estavam na mira daqueles que buscavam a identidade nacional. O maestro Villa-Lobos relata que durante um evento acontecido em 1939, chamado Exposição do Estado Novo, no Rio de Janeiro, apresentaram-se grupos de jongo, chegança, batucada, cateretê, cucumbis, dança da viola, além de escolas de samba. Escreve Villa-Lobos: “Para adoçar a boca dos sambistas, o maestro

comunicou à União Geral das Escolas de Samba que Getúlio Vargas desejava “vê-los em seu palácio” (VILLA LOBOS, sem data).

Se nomes como Mário de Andrade buscavam no passado barroco referências para a alma brasileira, sem abrir mão do potencial modernista que o país deveria desenvolver, Abílio Barreto também reconhecia no passado colonial mineiro traços de uma “antiguidade” da Belo Horizonte fundada em 12 de dezembro de 1897. É o que atesta sua obra “Belo Horizonte Memória Histórica e Descritiva” que é composta de dois volumes que ligam o passado colonial mineiro até o moderno século XX: “Volume I - História Antiga”, que trata da fundação do arraial de Curral del Rei⁹, em 1701, até 1893, ano que se inicia o planejamento, estudo e construção da nova capital; e “Volume II - História Média”, que vai de 1893 até a instalação da prefeitura em 1898. Se esse período de seis anos do segundo volume é curto e o primeiro abrange dois séculos, o Volume III, que se chamaria “Volume III História Contemporânea”, iria de 1898 até 1936. Esse terceiro volume não foi publicado nem escrito, mas durante décadas Abílio Barreto recolheu, compilou materiais e fez anotações para escrevê-lo, o que resultou em grande parte do seu Arquivo Privado que contém manuscritos sobre variados temas, sendo que a grande maioria do material nunca foi publicada.

Com a publicação deste 2º volume da nossa despreziosa memória histórica e descritiva, damos por terminada a parte mais difícil da tarefa que nos impusemos. Resta-nos, agora, levar a cabo o histórico da capital na sua terceira fase, a contemporânea, isto é, a partir da criação da Prefeitura (1898) até os dias presentes.

Para a realização desse serviço temos acumulado imenso cabedal documentário e prosseguimos em nossas pesquisas e estudos (BARRETO, 1996, v. 2, p. 19).

Mesmo sem a publicação do terceiro volume de seu Belo Horizonte Memória Histórica Descritiva, Abílio Barreto contribuiu para que indícios, verdadeiros traços deixados pela história do Carnaval de Belo Horizonte, fossem elevados à condição de documentos históricos, pois o historiador não apenas pesquisou acervos de jornais do final do século XIX e início do século XX em busca de informações sobre a folia belorizontina, mas com esse gesto antecipou um olhar

⁹ Vilarejo onde foi construída a nova capital de Minas Gerais, Belo Horizonte.

para uma prática cultural que só depois de sete décadas mereceram a atenção de historiadores e historiadoras.

O ARQUIVO PRIVADO DE ABÍLIO BARRETO: MANUSCRITOS, JORNAIS E PANFLETOS

De acordo com o Inventário Geral do Arquivo Privado Abílio Barreto, o mesmo foi transferido definitivamente para o MHAB em 25 de janeiro de 1995, constando 14.000 peças entre discursos, conferências, recortes de jornais, fotografias, obras literárias jornais e livros, abrangendo o período de 1910 - 1958.

A parte do Arquivo relacionada ao Carnaval é composta por cerca de cem peças (considerando manuscritos, datiloscritos, cartões com anotações, fragmentos de texto, discurso e glossário) que se digitadas podem compor um arquivo modelo padrão de word com cerca de 60 páginas. Também compõem o Arquivo, recortes de jornal e panfletos. Essa quantidade de trabalho e coleta demonstra o interesse do historiador pelo tema Carnaval, que durante as primeiras décadas do século XX já estava sendo considerado - com todas as contradições, críticas e elogios - uma das principais manifestações da cultura brasileira. Sem falar no folião Mário de Andrade, a festa foi ressignificada pela geração modernista de 1922, vinculada, por sua vez, a nomes como Rodrigo Melo Franco de Andrade que, como vimos, foi um dos colaboradores da implantação do Museu Histórico da Cidade, empreendido por Abílio Barreto.

Demonstração clara do interesse de Abílio pela história da folia em Belo Horizonte foi a entrevista de página inteira que concedeu ao jornal Estado de Minas com o título “O Carnaval de Bello Horizonte em 36 anos”, publicada em 03 de março de 1935, que veremos mais abaixo. Começamos nossa viagem nos acervo de carnaval do Arquivo Privado Abílio Barreto pelos recortes de jornais guardados pelo historiador.

OS RECORTES DE JORNAIS

Autor de “Belo Horizonte Memória Histórica e Descritiva” guardou dezenas de recortes de jornais sobre vários temas em um caderno de capa preta e dura tendo um papel colado com palavra “Coletânea” escrita com a letra do escritor, seguida, abaixo, da sua assinatura. Os recortes vão de 1927 até 1942. Sobre o

tema Carnaval encontramos dois artigos do próprio Barreto: “O primeiro Carnaval de Belo Horizonte”, publicado no jornal Minas Gerais, de 12 de março de 1929, e “O Carnaval de outrora e de hoje em Belo Horizonte”, artigo de página inteira na edição de 08 de março de 1936 do jornal Estado de Minas. Se na maioria de seus manuscritos e datiloscritos o historiador volta seu olhar e registros principalmente para as grandes sociedades, chamados clubs em Belo Horizontes, nesse artigo de 08 de março é claro o entusiasmo de Abílio Barreto com o Carnaval dos cordões e blocos musicais:

Com a precedencia de um mez e ás vezes mais em relação a aquelles tres dias classicos, animado pelo entusiasmo, bom gosto dos cordões e blocos musicaes, nos quaes sempre se salientam particularmente os carnavalescos morenos e pretos.

Conclui o artigo admitindo que, mais que as grandes sociedades que ainda sobreviviam na terceira década do século, foram as agremiações populares que brilharam naquele carnaval

Pode dizer-se com justiça que foram esses cordões musicaes a alma vibrante do carnaval na rua, em 1936, em Bello Horizonte. Eles dominaram a cidade com a sua alegria moça, com o seu entusiasmo sadio, do ronco das cuícas, ao toque dos tambores e tambaques á sonoridade dolente das suas marchas e sambas e canções, fazendo tremular no espaço os seus estandartes empunhados galhardamente por folianas que punham nos seus meneios gingados toda a cadencia e graça de que eram capazes.



Figura 2. Artigo de Abílio Barreto “O carnaval de outrora e de hoje de Belo Horizonte”, publicado no Jornal Estado de Minas.

Dois anos depois, em 27 de janeiro de 1938, desfilou no centro de Belo Horizonte a Escola de Samba Pedreira Unida, da favela da Pedreira Prado Lopes, a primeira escola de samba da cidade que se tem registro. Esse entusiasmo do historiador já anunciava, de alguma maneira, o nascimento das escolas de samba na cidade.

Fora dessa Coletânea de artigos, guardou os seguintes recortes de autores não identificados: “Rehabilite-se a musa Carnavalesca de Minas! - Com grande êxito, foi encerrado o concurso de sambas, instituído pelo ‘Correio Mineiro’, publicado pelo jornal Correio Mineiro de 28 de janeiro de 1927; página inteira do Estado de Minas de 18 de fevereiro de 1941 com várias matérias sobre carnaval, sendo a manchete principal: “Uma apoteose a chegada do Rei Momo no domingo”, a página contem cinco grandes fotografias do evento; página inteira do jornal Folha de Minas de 19 de fevereiro de 1941, dando destaque à Batalha do Galo (evento anualmente promovido pelo jornal Folha de Minas) com a manchete principal “A maior festa carnavalesca de Minas”, também com seis fotos grandes

dando destaque ao evento; página inteira do jornal Folha de Minas de 21 de janeiro de 1941, com a manchete “Segunda-feira foi a grande noite da folia na cidade”; primeira página do jornal Folha de Minas de 22 de fevereiro de 1941, com a manchete “Inicia-se hoje o Carnaval nos clubes”; recorte com a manchete “Frio o carnaval de rua - folia imperou nos clubes”, sem indicação de data ou jornal; recorte com a manchete “Fuzuê nos salões”, sem indicação de data ou jornal e recorte com a manchete “Carnaval”, do jornal Minas Gerais, de 08 de fevereiro de 1940.

Merece destaque entre as páginas guardadas pelo historiador a entrevista que concedeu ao jornal Estado de Minas de 03 de março de 1935, com a manchete “O Carnaval de Bello Horizonte em 36 anos” (a manchete principal da página estampa: “A cidade está, desde ontem, sob domínio da folia”). Atestando a importância do historiador para a cidade e do Carnaval para o trabalho de Abílio Barreto, lemos “para [conhecermos a história do Carnaval de Belo Horizonte] o Estado de Minas procurou a maior autoridade no assunto - o Sr. Abilio Barreto, o historiador de Bello Horizonte”. E confirma a intenção de Abílio Barreto publicar suas pesquisas sobre Carnaval quando revela:

Atenciosamente, o Sr. Abilio Barreto prontificou-se a nos fornecer um resumo da historia do Carnaval da Capital, que elle está organizando.

E damos abaixo a pequena synthese que nos forneceu o Sr. Abilio Barreto, de accordo com as suas anotações, baseadas em uma perfeita documentação.

No final da entrevista o próprio historiador externa o desejo de escrever a história da folia belorizontina:

Aqui terminam as minhas anotações, disse o sr. Abilio Barreto. Prosseguirei nesse trabalho de concatenação dos factos carnavalescos em nossa Capital esperando concluir em breve a minha pequena historia do carnaval em Bello Horizonte.

Abílio Barreto não conseguiu realizar seu o desejo de historiador carnavalesco, talvez pelas ocupações que lhe esperavam no mesmo ano de 1935¹⁰,

¹⁰ Os manuscritos e dactiloscritos de Abílio Barreto que têm como tema o Carnaval de Belo Horizonte estão sendo editados pelo autor deste artigo para publicação em livro com uma pequena fortuna crítica.

ano em que foi convidado para organizar o Arquivo Geral da Prefeitura de Belo Horizonte, departamento que cinco anos depois instalou-se ao lado da Seção de História da cidade, criada por JK e administrada por Abílio Barreto. Seção essa que, como vimos, se desdobrou no Museu Histórico de Belo Horizonte fundado no Carnaval de 1941 e atual MHAB.

OS MANUSCRITOS E DATILOSCRITOS

No capítulo “A economia escriturística”, de “A Invenção do Cotidiano”, Michel de Certeau escreve que “escritura” é uma “atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado”¹¹, pois a página escrita “estoca aquilo que vai selecionando” e a “cidade moderna (...) é um espaço circunscrito onde se realizam a vontade de coligir-estocar uma população exterior e a de conformar o campo a modelos urbanos”¹². Boa parte dos manuscritos de Abílio Barreto era parte de um projeto amplo de cidade moderna. O projeto não realizado do terceiro volume de “Belo Horizonte Memória Histórica Descritiva: Idade Contemporânea” tinha o desejo de ordenar a vivência de uma cidade nascente e em plena ebulição. Para Certeau escrever é um “gesto cartesiano de um corte instaurador, com um lugar de escritura, do domínio (e isolamento) de um sujeito diante de um objeto”¹³. O Carnaval para Abílio Barreto, assim como para as elites brasileiras das grandes cidades desde o final do século XIX, deveria ser parte do cenário urbano moderno referenciado no modelo europeu de civilização e o Carnaval que deveria servir a esses objetivos era o das grandes sociedades carnavalescas, em Belo Horizonte chamadas de clubs. A maioria das entidades carnavalescas registradas nas folhas de papel e cartões de Abílio Barreto eram os clubs, entidade que resistiram até a década de 1940. Em seus manuscritos e datiloscritos ainda percebemos uma tentativa de narrar uma festa civilizada e moderna, quase utópica, o que nos lembra um trecho de Michel de Certeau:

Fragmentos ou materiais linguísticos são tratados (usinados, poder-se-ia dizer assim) neste espaço [da folha de papel], segundo métodos

¹¹ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p 204.

¹² CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano:...Op. cit. p. 205-206.

¹³ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano... Op. Cit. p. 204.

explicitáveis e de modo a produzir uma ordem. Uma série de operações articuladas (gestuais e mentais) - literalmente é isso, escrever - vai traçando na página as trajetórias que desenham palavras, frases e, enfim, um sistema (...) na página em branco (...) compõe um artefato de um outro “mundo”, agora não recebido, mas fabricado (...) Sob formas múltiplas, este texto construído num espaço próprio é a utopia fundamental e generalizada do Ocidente moderno (CERTEAU, 2014, p. 204-205).

As páginas de papel escritas por Barreto na primeira metade do século passado poderiam ser resistentes ao burburinho, aos conflitos e ao fuzuê do populacho das ruas das capitais brasileiras, mas não resistiam quando os suportes eram páginas de jornais, ocorrências policiais e outras fontes escritas que hoje são verdadeiras brechas por onde podemos acessar o que às vezes é negado registrar pelos historiadores oficiais. Observemos esse fragmento de um texto datiloscrito de Abílio Barreto intitulado “Carnavais e Carnavalescos Antigos da Capital” sobre o Carnaval de 1898, pouco mais de dois meses depois da inauguração de Belo Horizonte:

Havia apenas 68 dias que se installára a Capital na Cidade de Minas, quando chegou o triduo folião de Momo---20, 21 e 22 de fevereiro de 1898. A cidade recém-nascida ainda envolta nas faixas infantis, mal cicatrizado ainda o ponto em que o cordão umbelical a ligara á velha povoação de Bello Horizonte (antigo Curral d’El-Rei), de que é filha, não poderia, é claro, ter ainda o seu carnaval em que saracoteasse toda a sua belleza e graça embryonarias... Por isso, o carnaval de 1898 limitou-se a um bom número de mascarados avulsos, com boas fantasias, alguns espirituosos, alem dos lagorosos chôros, do estridular de clarins, dos barulhentos tambores, em meio dos gritos, das pilherias e do jogo de confetti, serpentinas e limões...agua fria em quantidade, no famigerado e perigosissimo entrudo, pelas ruas.

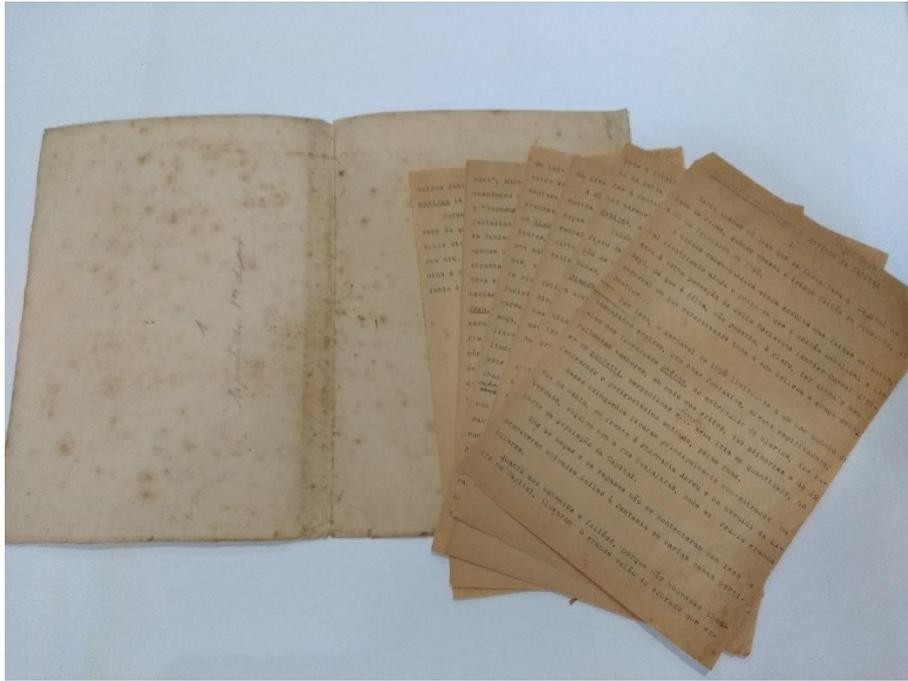


Figura 3. Datiloscritos de Abílio Barreto.

Percebemos a variedade de manifestações carnavalescas descritas nas últimas linhas que para o historiador eram “limitadas”, provavelmente porque as grandes sociedades, os clubs, só iriam começar no ano seguinte, em 1899, com o primeiro desfile do Diabos de Luneta, grande sociedade formada pela elite da nascente capital. Mas a partir da variedade de formas de brincar o Carnaval que Abílio inevitavelmente descreve nesse datiloscrito, podemos acessar uma espécie de Estrada Real do Carnaval e chegar ao Rio de Janeiro na mesma época. Observemos esse trecho de *Ecos da Folia*, de Maria Clementina, quando a historiadora, cita um tipo de documento histórico fundamental para se estudar a história do Carnaval, os jornais:

O temor da multidão carnavalescas nas ruas, da reunião excitante e excitada da gente que descia dos subúrbios e arrabaldes em bondes apinhados para o centro da cidade durante os dias de folia, foi explicitado nas décadas de 1880 e 1890 em sucessivas matérias da imprensa diária, para atingir muitos decibéis nos primeiros anos da República:

“Desnecessário é acrescentar que todas as ruas da cidade regurgitavam de curiosos, que se acotovelavam num desespero ansioso [...]. Ruas cheias de povo e cheias de bandeiras, gritando vitoriosamente pelos clarins de vermelho. Massa de gente compacta e preta, agitada como feita de azougue” [Diário de Notícias, 11 de fevereiro de 1891] (CUNHA, 2001, p. 94- 95).

Quando vemos as fontes manuscritas do Arquivo Privado de Abílio Barreto (mesmo em sua tentativa de, nas palavras de Certeau, “produzir uma ordem” através da escrita) irem ao encontro do artigo do jornal carioca citado, confirmamos, nesse cruzamento de fontes das duas capitais, que além de ter nascido com nova capital de Minas, o Carnaval belorizontino já nasceu com características de outras cidades brasileiras. Lembramos que:

não por acaso, é no patamar mais arquivístico e mais explicativo da operação [historiográfica] que reside o nível cognitivo com maior capacidade para gerar consensos. Percebe-se. Assente na fiabilidade do documento e da conseqüente inferição e correlação (dominantemente «cronológica») dos «factos» (CATROGA, 2010, p. 28).

Ainda não se fez uma pesquisa mais apurada para detalhar as precedências de cada tipo dos escritos que se encontra no acervo sobre Carnaval de Abílio Barreto. Vamos conhecer quais são esses tipos de manuscritos e datiloscritos:

Carnaval e carnavalescos antigos na capital (fragmentos) II, III, V, VI, VII, IX, X;
Recordar é viver – Quando o deus momo apareceu na Cidade de Minas antes e depois Belo Horizonte;

Carnaval – textos sobre o primeiro carnaval de 1899 / Textos da série: Recordar é Viver denominado “Quando o deus momo apareceu na Cidade de Minas antes e depois Belo Horizonte”;

Carnaval e carnavalescos antigos na capital (completo);

Discurso de Abílio Barreto proferido no Clube dos Matakins, em BH em sua reabertura – 05/01/1936;

Caixas: Caixa 29 – Carnaval (66 cartões com anotações);

Dicionário Temático – verbete Carnaval.

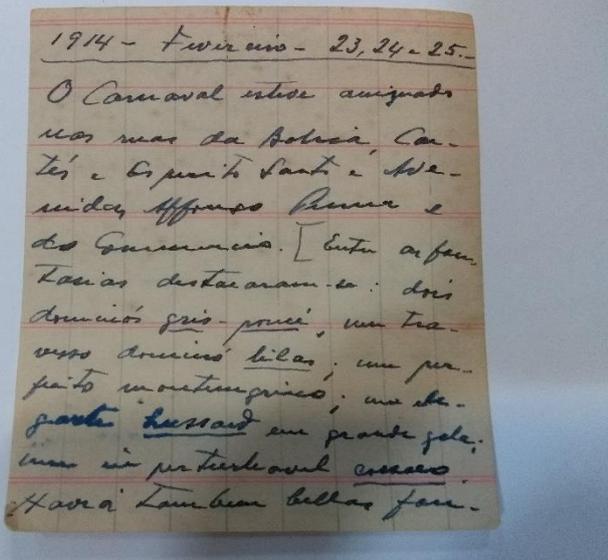


Figura 5. Cartões manuscritos de Abílio Barreto para o carnaval de 1914

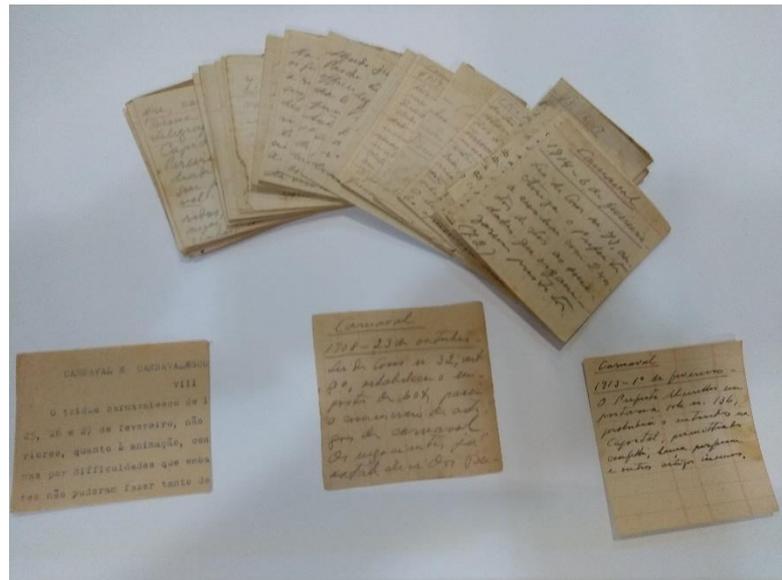


Figura 6. Cartões manuscritos de Abílio Barreto

Mas é interessante esclarecer que os manuscritos e datiloscritos de Barreto têm como fonte histórica, em sua maioria, matérias de jornais, principalmente do Minas Gerais (cuja primeira edição é de 21 de abril de 1892, ainda na antiga capital de Minas Gerais, Ouro Preto, e funciona hoje como o Diário Oficial do Estado de Minas Gerais).

As fontes sobre o Carnaval de Belo Horizonte vão muito além das escolhidas por Abílio Barreto, não cabe aqui enumerá-las. Mas as que foram produzidas pelo historiador mineiro nos revelam seu lugar como produtor de conhecimento sobre seu presente e passado próximo. No dizer de Catroga, referenciado em Certeau, lemos:

de um sujeito epistêmico, histórica e socialmente situado no espaço e no tempo; de um texto (toda a investigação culmina numa narração); e de destinatários deste (os receptores). E todas as características se vão realizando a partir de uma problemática que vai sendo posta à prova em três níveis fundamentais: o documental, o explicativo/compreensivo (ou interpretativo) e o da escrita, porque a realidade do discurso também faz parte do discurso sobre a realidade (CATROGA, 2010, p. 26).

Abílio Barreto como historiador da cidade e fundador do principal museu histórico da capital mineira, constituiu seus manuscritos e datiloscritos a partir de um lugar oficial na elite belorizontina, mas como não conseguiu publicar a maioria

dos mesmos ficou no nível do documento, não acessando os níveis “explicativo/compreensivo” e o da “escrita”, considerando que esse material dos manuscritos que compõem o seu Arquivo Privado não atingiu os leitores como aconteceu com os dois primeiros volumes de seu Belo Horizonte: memória histórica descritiva”. Os manuscritos ficaram quase no âmbito do traço, no dizer de Fernando Catroga, referenciado em Certeau. Mas no momento em que conseguiu chegar no nível “explicativo/compreensivo” e da escrita, Barreto, registrava detalhes do que acontecia nas ruas da cidade durante o Carnaval de 1936, como vimos no artigo “O Carnaval de outrora e de hoje em Belo Horizonte”, naqueles escritos nosso historiador soube interpretar o momento de ebulição e previu, implicitamente, um novo tipo de agremiação que já ocupara as ruas centrais do Rio de Janeiro desde o final da década de 1920: as escolas de samba.

DOIS PANFLETOS E UMA POESIA

O historiador de Belo Horizonte, como era chamado, também se preocupava em guardar panfletos com músicas de carnaval e panfletos de agremiações carnavalescas. Em seu acervo encontramos um panfleto, escrito em letras vermelhas com os dizeres:

**Ao Povo e ao Comercio
DA CAPITAL**

AHI VEM OS MATAKINS!

O Club Matakins, a tradicional sociedade carnavalesca, fundada 1902, fará correr pelas ruas da cidade o cortejo de seus prestitos, artisticamente idealizados pelo conhecido scenografo Ary Caetano, animando o povo e o comercio nos festejos de reinado de MOMO.

Belo Horizonte vae assistir a maior festa carnavalesca até então projetada na Capital Mineira.

Aguardem os Programas...

A Diretoria:

J. Albano – Presidente – LORD CUTUBA

Gibraltar de Sousa – Vice Presidente – Lord Monarcha

José Pereira da Silva – Diretor Fiscal - Lord Batuta

Fernando Osorio – 1º Secretario – Lord Cuica

Paulo Mattos – 2º Secretario – Lord Umgum

Ismael Fabregas – Tesoureiro – Lord Bentivi

Ary Caetano – Scenografo – Lord Bumba

No panfleto não temos indicação de datas, mas se formos consultar o Dicionário Temático que elencamos acima, organizado cronologicamente entre 1898 e 1942, encontramos a seguinte informação do ano de 1941.

1941 – 14 de fevereiro – O Clube Matakins a tradicional sociedade carnavalesca, fundada em 1902, fará correr pelas ruas da cidade o cortejo de seus prestitos, artisticamente idealizados pelo conhecido cenografo Ary Caetano, animando o povo e o comércio nos festejos de reinado de Momo. (Boletim da diretoria distribuido a 14.2.1941)

O panfleto foi impresso e distribuído quase 40 anos depois de fundado o Clube dos Matakins, 1902. Tal possibilidade de cruzamento de fontes não encontraríamos apenas nas consultas de jornais da época. O historiador nos legou, através do seu Arquivo Privado, esse valioso panfleto distribuído exatamente no ano de fundação da Seção de História que viria, dois anos depois, gerar o Museu Histórico de Belo Horizonte, atual MHAB, lugar onde o panfleto se encontra arquivado.

Outro panfleto resgatado do desaparecimento definitivo foi um do Club Chuveiro de Prata, intitulado **CARNAVAL DE 1917 DO CLUB CHUVEIRO DE PRATA** e seguido de cinco letras de músicas de Carnaval. Abaixo reproduzimos uma delas do bloco Fungaga:

FUNGAGA

Primeira estrophe com musica da
'Vassourinha'; o côro com
estribilho da 'Yá-Yá me deixe'

Este é o bloco prazenteiro
Este é o bloco mais faceiro
Desta Villa – olé!olà!
Que não teme o mundo inteiro,
Bloco alegre, o mais brejeiro,
O bloco do *Fungagá*...

*Viva a alegria
Viva a folia
Viva a magia
Do Carnaval!*
*Bis Viva a belleza
Morra a frieza
Morra a tristeza
Que só faz mal!*

De deus Momo na garupa
Nosso bloco hoje se agrupa
E vem na troça cahir
Bradam todos upa! upa!
Que alegria em catadupa!
Toda gente põe-se a rir.

(Côro) Viva a alegria, etc.

De deus Momo na garupa
Nosso bloco hoje se agrupa
E vem na troça cahir
Bradam todos upa! upa!
Que alegria em catadupa!
Toda gente põe-se a rir.

(Côro) Viva a alegria, etc.

Nossa gente toda chic,
Sem berloque, nem berlique,
Para a rua vem flandar!
Sem tirar nenhum despique
Que provoque algum chilique,
Quer, porem, muito troçar.

(Côro) Viva a alegria, etc.

Quem não teme *urucubaca*
E não vive na *macaca*
Não gosa no Carnaval
Na alegria o pobre atraca,
No prazer o triste estaca...
Que folia original!

(Côro) Viva a alegria, etc.

Abílio Barreto também era poeta e escritor. Como poeta teve uma extensa obra, sendo seu livro de poesia mais conhecido o “Chromos” que teve sua primeira edição em 1918, pela tipografia Athene, de Belo Horizonte. No livro consta no um soneto sobre Carnaval:

Perfumes, quentes, divinas
mulheres á fantasia...
Decotes, braços, propinas,
que o velho Amor desvaria...

Trombetas, guizos, buzinas,
goso, loucura, alegria,
num cipoal de serpentinhas...
É o Carnaval, é a folia!

Em toadas, sambas, canções,
vibram jovens corações
no corso... A troça enlouquece!

Em meio da populaça,
passa um mascara sem graça,
flauteando: - - "Ocê me conhece"

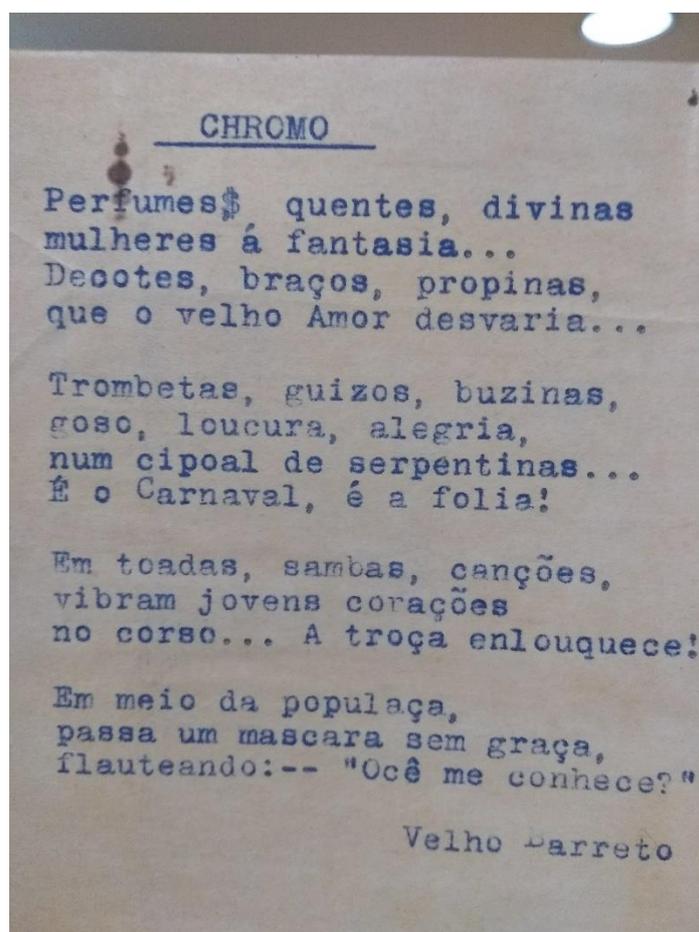


Figura 7. Datiloscrito do poema "Chromo" de Abílio Barreto.

Nesse pequeno livro de Abílio Barreto, podemos perceber seu estilo de historiador, quando em seus manuscritos e datiloscritos sobre Carnaval descreve mais do que analisa, capturando acontecimentos com a intensão de transformá-los em fatos históricos, verdadeiros traços que viram documentos para melhor conhecermos a rica história do Carnaval de Belo Horizonte. Para concluir esse breve relato sobre uma extensa obra, reproduzimos um trecho do artigo de José Abreu. Nele temos uma espécie de caleidoscópio que o olhar do historiador-poeta capitava:

Como indica o título, o livro *Cromos* apresenta nada mais do que quadros estáticos, pequenas estampas, delicadas pinturas de cenas do dia-a-dia. Em outras palavras, são fotos instantâneas do cotidiano. É como se o autor surpreendesse o momento e registrasse a cena no instante em que ela ocorre. E essas cenas se alternam entre jocosas e tristes, banais e graves... É assim que vemos o viandante que passa pela estrada a cavalo, velhos jogando gamão, namorados em colóquio amoroso, a coroação de Nossa Senhora, o gigolô da bailarina espanhola que, aborrecido, fuma a um canto, o leilão da festa religiosa, a moça que sobe ao bonde e mostra um roliço palmo de perna, moças fantasiadas desfilando no curso do carnaval, lavadeiras à beira do rio, o netinho que cavalga no avô, os pais que depositam presentes no sapatinho dos filhos na noite de natal, a moça tuberculosa que vai ao campo ver se melhora da tosse, noite de São João na fazenda, a mãe que reza porque os filhos sentem frio e fome dentro do rancho, a batida do monjolo, a emoção do primeiro beijo, damas no salão ricamente vestidas esperando o toque para a quadrilha, o primo que, pela fechadura, olha a sinhazinha trocando a roupa... (ABREU, 2003, p. 44).

REFERÊNCIAS

ABREU, José Cláudio de Almeida. In: BARRETO, Abílio; *Belo Horizonte Memória Histórica e Descritiva: História Antiga*. V.1, 2ª edição revista. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.

ALVES, Regina Araujo Alves. *Entre a invenção e as descobertas: 60 anos do MHAB*. In: *MHAB: 60 anos de história*. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/ Museu Histórico Abílio Barreto, 2003.

BARRETO, Abílio; *Belo Horizonte Memória Histórica e Descritiva: História Antiga*. V.1, 2ª edição revista. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.

_____. *Belo Horizonte Memória Histórica e Descritiva: História Média*. V.2, 2ª edição revista. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.

CÂNDIDO, Maria Inez; TRINDADE, Silvana Cançado. *O acervo de objetos do MHAB: formação, caracterização e perspectivas*. In: Thais Velloso Cougo Pimentel (org), *Reinventando o MHAB: o museu e seu novo lugar na cidade (1993 - 2002)*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004.

CÂNDIDO, Maria Inez. MHAB: 60 anos de história. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/ Museu Histórico Abílio Barreto, 2003.

CATROGA, Fernando. O valor epistemológico da história da história. In: Maria Manuela Tavares Ribeiro (coordenação), Outros combates pela história. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, julho 2010.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 22^a ed - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FILHO, Hilário Figueiredo Pereira. Glórias, conquistas, perdas e disputa. Dissertação de mestrado em história. Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte. 225p, 2006.

LOBOS, Heitor Villa. Heitor. A música nacionalista no governo Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: DIP, [s.d].